

## ROUBAR A ALMA: ou as dificuldades da restituição<sup>1</sup>

Carmen Silvia de Moraes Rial<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto trata dos desafios na restituição da pesquisa antropológica, através da análise de diferentes situações etnográficas e dos diferentes significados do conceito de restituição.

**Palavras-chave:** restituição; antropologia visual; mídia.

**Abstract:** The text focus the challenges of the anthropological research restitution, by analyzing Ethnographic situations and the meanings of the concept of restitution.

**Keywords:** restitution; visual anthropology; media.

*Restituição* é um termo novo no vocabulário da Antropologia Audiovisual brasileira. Como tantos outros conceitos que ingressaram no nosso repertório acadêmico, traduzimos *restituição* – no caso, do francês, *restitution*. Restituir, devolver. Embora a palavra seja nova, a ideia não o é. Desde seus inícios, xs antropólogos<sup>3</sup> que se interessaram pelo audiovisual no

---

<sup>1</sup> Agradeço à CAPES e ao CNPq pelos financiamentos que tornaram possíveis as pesquisas as quais me refiro neste artigo.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologie et Sociologie pela Université de Paris V (1992). Professora do departamento de Antropologia da UFSC. Atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Antropologia. E-mail: [carmenrial2@gmail.com](mailto:carmenrial2@gmail.com).

<sup>3</sup> Ao longo do texto, usei palavras no masculino e no feminino intercaladamente. Elas

país refletiram em torno da devolução de seus produtos, mas o fizeram através de uma outra categoria, *compartilhamento*. Quem examinar os textos escritos há alguns anos atrás, dificilmente encontrará *restituição*, mas é altamente provável que se depare com reflexões em torno da Antropologia *compartilhada*. Devolver as imagens aos protagonistas das imagens, e, se possível, construir as imagens junto com eles estava no centro da ideia da antropologia compartilhada, remetendo a processos heurísticos e práticas de pesquisa que evocavam, de modos diferentes, ao menos dois grandes mestres do passado: Robert Flaherty e Jean Rouch. Ensinávamos aos estudantes os procedimentos de uma antropologia compartilhada, usando como exemplo *Nanook of the North*, explicando o quanto o filme era devedor das Inuit, que assistiam os *rushes* tão logo eram revelados por Flaherty, lhe passando um feedback e sugerindo novas cenas. Toda uma nova ética na relação antropólogo-pesquisado, dialógica, estava subentendida ali, antecipando em décadas as propostas dos pós-modernos norte-americanos. Mas por mais que louvássemos este procedimento como vanguardista, não podíamos deixar de mostrar sua outra face. Apontávamos os limites deste compartilhar: os Inuit de Nanook pouco viram dos ganhos do filme, embora tenham sido corresponsáveis por partes do “roteiro” (indicando cenas, como as da caçada do urso) e por muito mais do que isto (já que, como Flaherty reconhecia, teria tido dificuldades em se localizar e sobreviver no Ártico sem seus saberes). Sucesso de bilheteria desde o seu lançamento, o filme trouxe glória e dinheiro ao seu diretor. E o modo oposto em que morreram Flaherty e o protagonista de Nanook bem demonstra a enorme distância entre um e outro – enquanto o cineasta faleceu em um acidente a bordo de um automóvel de luxo adquirido com os lucros do filme, o Inuit-caçador que protagonizou Nanook morreu de fome.

Um compartilhamento mais justo parece ter conseguido Jean Rouch com os seus interlocutores africanos, que inventaram personagens, improvisaram falas e conduziram as narrativas em mais de um caso. Rouch

---

podem ser convertidas para um ou outro gênero.

soube reconhecer isto, atribuindo-lhes um surpreendente status de coautores em alguns dos seus filmes, criando uma sociedade e repartindo as gratificações financeiras. Mesmo que poucos tenham repetido a fórmula radical proposta por Rouch, seus procedimentos sem dúvida foram decisivos para outras maneiras de se praticar uma antropologia compartilhada na antropologia audiovisual, aprofundada no trabalho de MacDougall.

E *restituição*? Para as francesas que se inserem na antropologia audiovisual (mas não apenas estas, já que o termo é popular entre antropólogos de modo geral), a categoria tem dois sentidos. O de devolver as imagens, como fizeram Flaherty, Rouch, MacDougall e tantos outros. Mas também o de divulgação dos resultados da pesquisa – o que entre nós era (e é) contido na palavra *extensão* ou na ideia de *além-muros*.

### Restituir significando Extensão

Como sabemos, a Extensão é parte das obrigações de todos os professores nas Universidades Federais brasileiras (junto com o Ensino e a Pesquisa) – e isto ao contrário do que ocorre em outros países, como a França ou nos Estados Unidos. Na França, que só recentemente uniu institucionalmente a pesquisa e ensino, pois antes estas atividades podiam ou não ser realizadas concomitantemente por um professor/pesquisador, a extensão/restitution é alvo de grandes reflexões<sup>4</sup>. Algumas apontam no caminho de sua idealização, transformando a devolução em uma obrigação ética do pesquisador, outras expressam profundas desconfiança<sup>5</sup>. Restituição aqui engloba o compartilhamento, sem ser dele sinônimo. Devolve-se aos interlocutores da pesquisa, mas não apenas a eles, pois o termo restituição

---

<sup>4</sup> Colloque International Ethnographies Plurielles IV. Restitution et diffusion des données d'enquête. Université de Bourgogne, Dijon, 27-29 jan. 2014.

<sup>5</sup> Como é o caso de Françoise Zonabend, conforme podemos ouvir na palestra proferida no Colóquio de Dijon, em 2014 (evento referido na nota precedente) e disponível no presente número da Revista Tessituras.

se aplica também às entrevistas a jornais ou televisões, aos artigos de divulgação, às palestras a um público não acadêmico. Por razões que não vale a pena explorar aqui, mas que pude observar ao longo dos anos que vivi no país, os intelectuais na França têm muito maior resistência ao contato com a mídia do que os brasileiros<sup>6</sup>. A atuação dos acadêmicos que frequentam os programas de televisão e buscam estar nas páginas dos jornais e revistas é vista com enorme reticência e até preconceito por grande parte dos seus colegas, como se estivessem espetacularizando suas ideias. Bourdieu (Sur la télévision) chegou a criar um termo pejorativo para designá-los: “*fast-thinkers*”, os pensadores-rápidos, capazes de opinar sobre tudo e qualquer coisa.

Como *restituir* - no sentido de divulgar - sem passar pelos meios de comunicação de massa? E vale fazê-lo, correndo o risco de ver suas ideias, no melhor dos casos, retiradas do contexto e banalizadas, e, no pior, podendo acabar num tribunal – como no caso que Zonabend (2014) nos conta sobre a quebra do anonimato de seus interlocutores de Minot, mantidos no anonimato nos livros que ela e Yvonne Verdie, Tina Jolas e Marie-Claude Pingaud escreveram (ZONABEND, 1990 e 1980), mas que tiveram suas identidades reveladas por uma jornalista menos consciente das implicações

---

<sup>6</sup> Conforme escrevi em outro lugar: “Não há novidade nesta negação da imagem. *“L’image est la folle de la raison”*, dizia Sartre. O movimento anti-imagem tem suas raízes em Platão, segue na Idade Média, com os iconoclastas, e a polêmica em torno da reprodução ou não de imagens sacras. Lyotard (1986), citando o Êxodo 2,4 “Não esculpirás imagem”, considera a passagem como sendo a mais sublime da Bíblia, pois proíbe qualquer representação do absoluto. Ele a aproxima dos axiomas da estética da vanguarda da pintura (portanto, moderna), que fará ver o invisível sem representá-lo ou, nas palavras de Lyotard: “como pintura esta estética “apresentará” sem dúvida algo, mas o fará negativamente, evitará pois a figuração ou a representação. Será “branca” como um quadro de Malevitch. Fará ver na medida em que proíbe de ver, procurará prazer, dando dor”. A pós-modernidade, ao contrário, recupera a força dos ícones: sua retórica passa do convencimento à sedução, da argumentação à imagem. Para Maffesoli (1985, 1987, 1990), a televisão é vista como o exemplo máximo da imagem, como tendo uma função agregadora. Contrapondo-se a McLuhan (1969) e a Maffesoli, Umberto Eco (1989) diz que nós não vivemos absolutamente na idade da imagem: voltamos à época da escrita, com o computador, o videotexto, a conferência televisionada, na qual as informações são transmitidas por intermédio da tela: uma época de uma nova alfabetização. E prediz que a maior parte do que veremos pela tela nos próximos anos será palavra escrita e não imagem, uma palavra que devera ser lida a uma velocidade acelerada. Para Eco, estamos vivendo esse processo de re-alfabetização, mesmo que as novas letras deste alfabeto possam parecer “sem alma” aos intelectuais: “*dir, park, copy, delete*” (RIAL, 1988, p. 37).

desta revelação? Tal o dilema que é confrontado pelas antropólogas francesas hoje, não apenas no audiovisual mas especialmente nele.

A situação e os riscos não variam muito deste lado do Atlântico, onde os pesquisadores também são constantemente assediados pela mídia e muitas vezes veem suas declarações serem distorcidas. O preconceito entre os colegas, porem, não parece ser da mesma ordem. Há antropólogos conhecidos que escrevem regularmente para jornais (como Roberto Da Matta) ou em blog jornalísticos (como Yvonne Maggie) e este trabalho tem tido boa repercussão no campo acadêmico.

A *restituição* no sentido de divulgação é, não apenas bem vista, como é também uma das obrigações dos professores, pelo menos dos que integram o quadro dos departamentos de Universidades Federais, que preconizam a tripla atuação das docentes: pesquisa, ensino e extensão (administração costuma ficar de fora, embora também seja uma quase-obrigação assumir em algum momento da carreira cargos administrativos). Ainda que faça parte de suas tarefas, a divulgação sempre teve um papel menor diante da Pesquisa e do Ensino.

Os trabalhos de Extensão historicamente tem sido pouco valorizados na *audit cultur* (cultura da avaliação) - seus resultados recebem pontuações menores comparados aos da Pesquisa ou Ensino. Por exemplo, uma entrevista em uma rádio, por mais que seja ouvida por milhões de pessoas, receberá poucos pontos no relatório da CAPES, bem menos do que um artigo em periódico acadêmico, ainda que este seja *qualificado* como local.

É possível que isto venha a se modificar nos próximos anos. Recentemente, o CNPq iniciou um processo de alterar este quadro, passando a incentivar as ações de extensão através de notação própria no currículo Lattes.

Voltemos ao significado do termo: no Brasil, extensão significa transmitir a um grande público os resultados de uma pesquisa, ou a expertise sobre um determinado assunto. Isto pode ser feito tanto por meio de um pôster em feiras promovidas pelas Universidades uma vez por ano,

quanto pela ocupação de espaços na mídia, por filmes na internet, por palestras ou filmes abertos ao público, e por bem outras formas. Espera-se, com esta forma particular de restituir o conhecimento, contribuir para uma melhora do social.

E tem-se obtido resultados positivos. Uma característica particular da academia brasileira, e que tem chamado a atenção de outras Antropologias, é nossa capacidade de impactar no espaço público com nossas pesquisas, influenciando em políticas governamentais, em legislações, em ações de agentes públicos em diferentes esferas<sup>7</sup>.

Esta é uma forma de relação com o conhecimento democrática, e que tem se aprofundado, paralelamente à internacionalização do conhecimento acadêmico, que é um grande objetivo posto pelas instituições financiadoras no país. Desenvolver-se para fora, visando um público estrangeiro, é um objetivo louvável, assim como também o é o espalhar o conhecimento para um público de fora da academia (não uso extramuros, pois raramente a Universidade os tem).

Isto posto, e reconhecendo a importância de se pensar a restituição no seu significado de extensão, devo alertar o leitor de que não trataremos dela aqui. Vamos nos centrar na segunda acepção do termo *restituição* na Antropologia, que é o de uma antropologia compartilhada com os interlocutores. Ou seja, com a devolução da pesquisa aos que a tornaram possível<sup>8</sup>.

### **Restituir significando devolver**

---

<sup>7</sup> Apenas para lembrar exemplos recentes relacionados às relações de gênero: a Lei Maria da Penha, assim como a aprovação do “casamento gay” no país, foram resultados de ideias feministas que emanaram, na sua grande parte, da Academia, transbordando e impactando os movimentos sociais, e deles, os agentes formadores de políticas públicas e os legisladores.

<sup>8</sup> Haveria ainda uma outra acepção, muito presente hoje na área de Patrimônio e Museus e que trata do retorno dos objetos retirados dos grupos estudados e mantidos em instituições museais. Não tratarei aqui desta forma de restituição (dos objetos ou de seus clones ou imagens), o que tem sido bastante estudado.

Restituir seria então retornar os dados retirados sob outra forma – de um artigo, um filme, etc. Retirados o foram através de conversar ou entrevistas, voltam sob uma roupagem antropológica.

O que gostaria de defender aqui é a impossibilidade desta restituição. Assim como um mesmo leitor não lê o mesmo livro duas vezes, pode-se oferecer de volta as falas, mas elas já não serão as mesmas – portanto, não serão res-tituídas. E não apenas porque as águas do rio não cessam de mudar, mas porque o artigo ou o filme serão percebidos de um modo que não dominamos e que podem ter pouca relação com o que foi antropológicamente realizado. Tomo um exemplo: o filme “Djero encontra Iketut em Bali”<sup>9</sup> (RIAL e GROSSI, 2011). O filme resultou de um feliz acidente: fomos até o vilarejo onde Margareth Mead e George Bateson pesquisaram e que resultou no livro *Balinese Character* (1985), e, por um feliz acaso, encontramos um dos balineses que tinham sido “pesquisados”.

- Você conheceu a estrangeira? Perguntou em balinês Djero, nosso motorista, a um senhor que lhe pareceu ser o mais velho numa concentração de pessoas na rua.

- Sim, Margareth. – respondeu Iketut, sem hesitar.

E nos levou à sua casa, para ver o livro que Mead tinha lhe presenteado em sua última visita à *Desa Bayung Guede*, nos início dos anos 1960, e que ele guardava, com todo o cuidado, enrolado em um saco plástico. A dedicatória do livro dizia “o bebe que eu vi nascer”, mas como ele explicou, sua foto não estava no livro, apenas a dos seus amigos, que ele nomeava ao apontar para as páginas viradas com interesse por Djero, repetindo “estão todos mortos, todos mortos”. Mead havia visitado a escola onde estavam os seus amigos, mas foi para ele que ela dedicou o livro – possivelmente por ter sido amiga da mãe de Iketut, acompanhado sua gravidez e filmado o nascimento de Iketut.

Ali estávamos diante de um caso paradigmático de restituição: a antropóloga que retorna ao local de pesquisa com o resultado da pesquisa,

---

<sup>9</sup> Acessível em: <http://vimeo.com/85182966link>

no caso, nada menos do que o livro considerado fundador da Antropologia Visual. Nós olhávamos para as fotos dos gestos cotidianos, das relações entre pais e filhos, mães e filhos e filhas, e víamos ali expressões que captavam o *ethos* balinês, tal como Bateson e Mead intencionaram. Mas Iketut? O que ele via na obra preciosamente preservada da umidade e insetos do vilarejo incrustado nas montanhas, não muito distante da turística capital de Bali? Para ele, tratava-se de um livro de recordação, dos amigos que estavam “todos mortos” e que ele nomeava ao folhar as páginas. *Balinese Character*, para ele, era um álbum de família, capaz de emocionar e trazer recordações do mesmo modo que nossos (LEITE, 2001).

O gesto de Mead em trazer e doar *Balinese Character*, eticamente irreparável e elogiável de muitos pontos de vista, entre os quais o de uma antropologia que preconiza o compartilhamento e a restituição, não pode, no entanto, ser tomado como restituição. Margaret Mead devolveu *Balinese Character*; do seu ponto de vista, tratava-se de uma restituição. Porém, Iketut recebeu um álbum de fotografias, não a pesquisa de Bateson e Mead, não *Balinese Character*.

Seria possível pensar, a partir deste pequeno exemplo, que a restituição é uma impossibilidade quando a ‘distância cultural’ (para usar termos de Mead) é grande, como entre os antropólogos e os moradores de Bayun Gedé. Talvez fosse possível restituir em casos em que antropólogos e pesquisados experienciassem uma distância menor. Quem sabe um outro antropólogo tendo sido pesquisado recebesse *Balinese Character* como *Balinese Character*?

Sem dúvida, isto parece mais do que provável. No entanto, não pense que esta restituição ocorre sem problemas. Recorro a outra experiência. Quando terminamos de editar “As alunas de Marcel Mauss”<sup>10</sup> (RIAL e GROSSI, 2011) quisemos restituir o filme e obter o aval das entrevistadas antes de exibi-lo. Apenas uma das três protagonistas do filme, Germaine Tillion, ainda estava viva, e passando o verão na sua agradável morada no

---

<sup>10</sup> Acessível em: [www.vimeo.com/37724989](http://www.vimeo.com/37724989).



interior da Bretanha, em Plouhinec – que abriu suas portas a visitantes, em setembro de 2014, por iniciativa da Associação Germaine Tillion. Para que ela pudesse ver o filme, teríamos que ir até lá ou esperar mais um ano, até que retornássemos à França. Fomos, então, à Bretanha, alugando um carro na estação de trem, pois não havia transporte público até sua casa. Com a generosidade de sempre, ela ofereceu nos hospedar, mas o filme não lhe parecia interessar muito. Entendi o porquê mais tarde, numa conversa em que Miriam disse tê-la ouvido em um programa de rádio com Jacques Derrida e Hélène de Cixous, e Tillion respondeu: “ah, de fato, os dois vieram tomar um chá e conversar comigo numa tarde, foi muito agradável”. Para ela, o encontro foi com eles, o programa de rádio, ela nem se lembrava que tinha sido realizado...

De qualquer modo, conseguimos saber com antecedência que, sim, ela tinha uma televisão na casa da Bretanha, mas não um aparelho de VHS. *Pas de problème*, pensei, levaremos um aparelho de VHS. Fizemos uma estratégica parada em Auray, a cidadezinha mais próxima, e depois de algumas indagações, localizamos a loja que vendia e alugava aparelhos de VHS. Para evitar problemas de conexão, tomei o cuidado de alugar diferentes cabos, todos os disponíveis, de modo a garantir que um deles se ajustasse ao aparelho de TV de Tillion. Ficamos de devolver na segunda-feira, já que era um sábado. E desembarcamos na casa da nossa “informante”, com o aparelho de VHS, todos os cabos possíveis por precaução e o filme sob o braço, para realizar o que considerávamos nossa obrigação ética: conseguir sua aprovação antes de divulgarmos o resultado na pesquisa. Como era de esperar pelas conversas anteriores, ela não parecia muito interessada em ver o filme – ao contrário de Denise Paulme, por exemplo, que, em uma das visitas, pediu à Miriam a cópia de uma entrevista que tinha dado à rádio *France Culture* – pois a emissora demandava 100 euros (*sic*) para a sua disponibilização. Quando, finalmente ao final da tarde, conseguimos convencê-la a assistir o filme, e retirei aparelhos e cabos da sacola... surpresa e decepção. A televisão era de um modelo tão antigo,

que não possuía entrada adequada, tinha sido fabricada antes da invenção dos aparelhos de VHS!

A restituição, em alguns casos, implica em diferenças geracionais que podem significar questões técnicas bastante risíveis.

Para terminar a história, no ano seguinte conseguimos que Madame Tillion finalmente assistisse o filme: levamos um computador e a instalamos diante dela, na mesa de comer da sala da sua casa em Meudon. Ela o viu, comentando certas passagens, como se estivesse conversando com outras protagonistas: “*C’est bien ça*”, “*Oui, tout a fait*”. E, ao final, para nosso alívio, pois o filme já havia sido projetado, deu seu veredito: “É muito bom o que vocês fizeram. É... como um livro”.

“Como um livro”. Sem contar com um grande repertório de filmes, como o que tínhamos feito, ela foi buscar no que conhecia, o dos livros, um lugar para situar o filme, muito embora ela tenha sido a “grande mão” por trás de um dos dois mais importantes filmes sobre campos de concentração da II Guerra Mundial, o *Nuit et brouillard*, de Alain Resnais, todo baseado no seu livro *Ravensbrück*<sup>11</sup>.

Se estas experiências apontam dificuldades pela ausência de um repertório comum, ainda assim estão longe dos mal-entendidos que enfrentei em outra pesquisa, entre pescadores/agricultores e seus descendentes num bairro da Ilha de Santa Catarina (RIAL, 1988). Conto dois episódios apenas. O primeiro foi a visita que recebi de meus interlocutores durante a passagem de uma bandeira do Divino. Como visitava regularmente suas casas, achei que era hora de tê-los também na minha, não me dando conta de que as reproduções de pinturas de quadros que tinha na sala, muitos com nus, poderiam “prejudicar” a visita. Na verdade, eles só tiveram olhos para os nus nos quadros que, constrangida, só então me dei conta da existência. O outro momento foi mais dramático. Convidei alguns estudantes a me acompanharem numa visita à matriarca de uma família que vivia em um grande sítio em lugar isolado, sem acesso

---

<sup>11</sup> Acessível em [http://www.wat.tv/video/nuit-brouillard-2-film-alain-2yez5\\_2fquh\\_.html](http://www.wat.tv/video/nuit-brouillard-2-film-alain-2yez5_2fquh_.html).

de automóveis. Foram, conversaram, tomaram café, fotografaram e gravaram, num exercício de pesquisa coletiva no engenho da Dona Iana. Passados dois meses, retornei a visitá-la e ela estava muito irritada comigo: “você trouxe aqueles funcionários da Prefeitura, eles vieram, fotografaram tudo, e aumentaram o IPTU em seguida”.

### Considerações Finais

Dar novamente, restituir, é um exercício bastante complicado. Pode-se (e deve-se) tentá-lo, mas sabendo que o que se dá nunca é o mesmo que se recebe. Acho que foi Lacan que disse isto de um modo mais convincente; algo como: “sou responsável pelo que digo, mas não pelo que você escuta”.

A restituição é mais possível quando os participantes da troca compartilham a mesma enciclopédia – e ainda assim...

Entre muitas pessoas em diferente lugares, ser fotografado não é um ato anódino. Alguns falam até em roubo da alma. Há um pouco disto em cada pesquisa que realizamos, com ou sem imagens. É um pouco de utopia na esperança de que a *restituição* da pesquisa devolva a alma roubada.

### Referências bibliográficas

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese Character: a Photographic Analysis**. New York: New York Academy of Sciences, 1985.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Edusp, 2001.

RIAL, Carmen. **Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição**. 1988. 372 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFRGS, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mídia e Sexualidades: Breve Panorama dos Estudos de Mídia**. In: GROSSI,

Miriam et al (Org.). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

ZONABEND, Françoise et al. **Une campagne voisine: Minot, un village bourguignon**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1990.

\_\_\_\_\_. **La mémoire longue: temps et histoires au village**. Paris: PUF, 1980.

\_\_\_\_\_. A restituição de dados de pesquisa etnográfica. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 234-236, 2014.

### **Videografia**

RESNAIS, Alain. **Nuit et brouillard**, 1955.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. **Djero encontra Iketut em Bali**. 2011. Disponível em: <http://vimeo.com/85182966link> . Acesso em: 23 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **As alunas de Marcel Mauss**. 2002. Disponível em: <http://www.vimeo.com/37724989> . Acesso em: 23 dez. 2014.